
A arqueologia do rio Jamari e a possível relação com os grupos Tupi-Arikém – Alto Madeira (RO)

Fernando Ozorio de Almeida

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo – USP
Professor do Departamento de Arqueologia da UFS – Campus Laranjeiras

Membro do Laboratório de Paisagem e Sociedade (LAPSO)

E-mail: fernandozorio@hotmail.com

Recebido em: 03/08/2016.

Aprovado em: 19/12/2016.

Resumo: O rio Jamari é o afluente do rio Madeira que possui a maior quantidade de dados arqueológicos. A história de grupos indígenas nessa drenagem começa há mais de 8 mil anos e dura até os dias de hoje, uma vez que no alto e médio curso do rio residem grupos Tupi. O presente artigo visa apresentar um esboço interpretativo sobre a arqueologia desse rio e, em especial, oferecer caminhos de pesquisa que permitam o diálogo entre o que se sabe sobre as ocupações humanas pretéritas e os dados linguísticos e etnográficos que vem sendo produzidos para a região. O objetivo principal é contribuir com o avanço da proposta indicada por Eurico Miller, de que há uma relação entre a cerâmica Jamari e os grupos de língua Tupi-Arikém.

Palavras-Chave: Arqueologia Regional. Bacia do Alto Madeira. Cerâmica Arqueológica. Padrão de Ocupação. Falantes de línguas Tupi-Arikém.

The Archaeology of the Jamari River and its Possible Relation with the Tupi-Arikém – Upper Madeira, Roraima, Brazil

Abstract: The Jamari is the tributary of the Madeira River which possesses the largest amount of archaeological data. The history of the indigenous groups that have lived in this river starts over 8 thousand years BP and stretches up to the present day, as Tupian groups reside on its upper and middle course. The aim of this paper is to present an interpretative sketch of the archaeology of this river and, specially, to provide research frameworks which enable the dialogue between what we know about the ancient human occupations and the linguistic and ethnographic data produced for this region. Our main objective is to present a contribution that permits us to advance the proposal by Eurico Miller, who believed in a relation between the Jamari ceramics and the Tupi-Arikém speaking groups.

Key-Words: Regional Archaeology. Upper Madeira Basin. Archaeological Ceramics. Occupation Patterns. Tupi-Arikém speaking groups.

1 Introdução

A região do alto Madeira é uma das áreas com maior diversidade cultural e linguística do mundo. Apenas no trajeto do rio Guaporé, um dos formadores do Madeira, há mais de 50 línguas, representando oito troncos linguísticos e onze grupos isolados. É justamente na bacia do rio Madeira onde se encontra a maior parte das famílias do Tronco Tupi. Nessa região foram identificadas as famílias Arikém, Cinta-Larga, Mondé, Purubora, Ramarama, Tupari e Tupi-Guarani.

Não é novidade para os especialistas em arqueologia dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas, que os grupos de língua Tupi-Guarani faziam uma cerâmica com características específicas, com baixa variabilidade no tempo e espaço, denominada de Tradição Tupi-Guarani. Acontece que os falantes de línguas Tupi-Guarani são apenas uma dentre as dez famílias do Tronco Tupi (RODRIGUES e CABRAL, 2012), e pouco se sabe quanto à relação das demais famílias indígenas com a cultura material produzida no decorrer do tempo (ALMEIDA, 2016).

Em um artigo de 2009, Eurico Miller defendeu que essa estreita relação entre cultura material amplamente observada para os Tupi-Guarani também ocorreria nas demais famílias do Tronco Tupi. Neste artigo, busca-se contribuir para a discussão de tal proposta a partir das pesquisas realizadas no médio e baixo rio Jamari, bacia do alto rio Madeira, região sudoeste da Amazônia. É a partir da cerâmica arqueológica desse rio, pertencente à Tradição Jamari (MILLER et al., 1992), que se pretende discutir a possibilidade de que essa Tradição cerâmica esteja relacionada aos grupos de línguas Tupi-Arikém¹ (MILLER, 2009), que historicamente habitam as margens do rio Jamari.

Tal discussão será feita por meio de uma recapitulação do histórico de pesquisas na região, da apresentação do sítio Jacarezinho, escavado em 2009 em um lago encontrado no baixo curso do Jamari, assim como pela incorporação de dados arqueológicos que vem sendo produzidos para o médio curso desse rio. Por fim, serão acrescentados os dados etnográficos e etno-históricos sobre os grupos Arikém e Karitiana. De posse desses dados, tendo como objetivo construir histórias de longa duração dos coletivos indígenas, questiona-se se existem subsídios que contribuam para discutir a

hipotética relação entre o material arqueológico identificado nesse rio e os grupos de língua Tupi-Arikém.

O axioma central deste trabalho é de que, por mais complexo que seja correlacionar cultura material e as línguas, não se pode negar que há uma relação entre a transmissão de conhecimento, a linguagem e os elementos que perfazem os estilos-tecnológicos. Como arqueólogos, nossa tarefa é indagar em quais contextos é possível investigar como operam essas correlações (ALMEIDA e NEVES, 2015). Com tal pressuposto em mente, nosso olhar se volta para o rio Jamari.

2 Histórico das pesquisas arqueológicas no rio Jamari

Donald Lathrap (1970) costumava prestar muita atenção na Amazônia central. Na visão desse grande arqueólogo, as grandes drenagens do coração da Floresta Tropical – rio Amazonas, Negro, Madeira, Nhamundá, Trombetas e Tapajós – seriam como avenidas para a movimentação das sociedades pretéritas. Isto é, a Amazônia central, onde ocorre o maior entroncamento fluvial do planeta, seria uma perfeita área de partida para que diferentes grupos culturais e linguísticos se dispersassem pelas terras baixas sul-americanas. A região era o coração do chamado “modelo cardíaco”, que bombeava as populações para fora, pelos rios, principais veias desse sistema (LATHRAP, 1970; NEVES, 2007).

Uma comparação audaciosa, tendo em vista a escala colossal da Amazônia central, poderia levar ao argumento de que a área da serra dos Pacaás Novos, no interior de Rondônia, seria muito mais merecedora do título de *coração fluvial*. Isso porque a dinâmica fluvial desse complexo geológico possui padrão radial, com rios fluindo em praticamente todas as direções, enquanto que as drenagens do Amazonas formam um padrão que lembra as penas de uma flecha, direcionadas para o leste. Dentre os principais rios que nascem nessa serra e que deságuam no rio Madeira, pode-se apontar o Jaci-Paraná, o Candeias e o Jamari².

O Jamari é a primeira grande drenagem depois do término das cachoeiras do rio Madeira: é um afluente da margem direita deste, e tem a sua foz distando aproximadamente 100 quilômetros da cachoeira (hoje UHE³) de Santo Antônio. As cachoeiras, corredeiras e

quedas d'água são frequentes no Jamari, desde seu alto curso até a cachoeira de Samuel, que dividia o médio do baixo curso desse rio. Foi a partir da construção da UHE Samuel, durante os anos 1980, que surgiram as primeiras pesquisas arqueológicas, conduzidas pelo arqueólogo Eurico Miller.

A significativa quantidade e qualidade dos dados proporcionados pelo resgate de sítios arqueológicos impactados pela instalação da hidrelétrica de Samuel (i.e. MILLER et al., 1992) fez que o rio Jamari fosse o objeto inicial dos levantamentos do PALMA (Projeto Alto Madeira), apenas deslocando o foco do médio para o baixo curso desse rio. Tal projeto foi criado em 2008 pelo presente autor e pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves, dentro do Projeto Temático coordenado pelo último, denominado *Cronologias Regionais, Hiatos e Continuidades na História Pré-Colonial da Amazônia* (NEVES, 2005).

Dentre os apontamentos realizados por Miller (et al., 1992) para a região, o que mais chamou a atenção nesse estudo foi a cronologia, na qual há quase 8 mil anos de ocupações contínuas ou com poucos intervalos. Para Neves (2008), mais relevante do que a antiguidade da ocupação nessa região era a existência de informações referentes ao Holoceno Médio, entre seis e quatro mil anos atrás. Tais dados contrastavam com os obtidos na Amazônia central, em que foi observado um longo hiato cronológico durante o Holoceno médio (NEVES, 2005, 2012).

A cronologia do médio Jamari é composta por três fases pré-cerâmicas e quatro fases cerâmicas. As duas fases líticas mais antigas, Itapipoca e Pacatuba, possuem uma dissonância em relação à fase lítica mais recente (Massangana). Isso porque, além do surgimento de material polido no conjunto Massangana, essa fase estaria associada a pacotes de terra preta (i.e. sedimento antropogênico). O que remeteria, segundo pesquisadores (MILLER et al., 1992), a um modo de vida mais sedentário, provavelmente relacionado a uma agricultura incipiente, um período formativo (Cf. MONGELÓ, 2015).

Tabela 1: Quadro cronológico dos sítios pré-cerâmicos do baixo Jamari (fonte: MILLER et al., 1992).

Identificação	Idade	Material (lítico)
Fase Massangana (9 sítios)	2830±90 – 690±60 a.C.	Material lascado incluindo raspadores, lâminas de machado, almofarizes, núcleos e percutores. Matéria prima composta por rochas cristalinas, calcedônia, quartzo e laterita.
Fase Pacatuba (4 sítios)	4140±10 – 3260±70 a.C.	Raspadores, lascas, micro-lascas, percutores e núcleos. Matéria prima composta por calcedônia, quartzo, rochas cristalinas e basalto.
Fase Itapipoca (3 sítios)	6370±100 – 5020±60 a.C.	Raspadores, percutores, lascas sem retoque e núcleos esgotados. Matéria prima composta por calcedônia, quartzo, rochas cristalinas e basalto.

As quatro fases cerâmicas subsequentes estariam ligadas a sítios de terra preta e formariam a chamada Tradição Jamari. Essa Tradição é caracterizada pelo uso de caraipé como antiplástico, formas simples, com poucas inflexões e sem ângulos nas paredes (carenas, ombros), pelo eventual uso de engobo vermelho e pela baixa quantidade de decorações plásticas ou pintadas.

Os sítios da fase Matapi foram encontrados sobre barrancos altos (de 8 a 32 m) com forma circular (diâmetro de 80 a 250 m) ou elipsoide (120 x 70 m a 550 x 200 m), com pacotes de até 50 cm que, por vezes, recobriam sítios da fase Jamari. O material lítico é composto por lâminas de machado picoteadas ou lascadas, percutores, moedores, pedras-bigorna e hematira (para corante).

Tabela 2: Quadro cronológico dos sítios cerâmicos do baixo Jamari (fonte: MILLER et al., 1992).

Identificação	Idade	Material (cerâmica)
Fase Matapi (25 sítios)	1720±80 d.C.	Antiplástico de areia ou caraipé. Tigelas rasas e medianas, vasos hemisféricos e globulares. Sem decoração.

Continua

Fase Cupuí (16 sítios)	600±60 d.C.	Antiplástico de areia ou caraiapé, banho vermelho. Tigelas rasas a mediamen-te profundas, vasos hemisféricos e globulares. Deco-ração incisa e escovada.
Fase Jamari (37 sítios)	800±140 a.C. – 1530±50 d.C. (42 datas de 13 sítios)	Antiplástico de areia ou caraiapé. Cerâmica com “decoreção pintada, incisa e acanalada” (contestável), lítico polido.
Fase Urucurí (17 sítios)	550±90 - 280±50 a.C. (10 datas de 7 sítios)	Antiplástico de areia ou caraiapé, banho vermelho e rara decoreção pintada e incisa. Tigelas rasas a profundas, vasos hemisféricos e globulares, bordas diretas, indiretas e extro-vertidas.

Os sítios da fase Urucurí foram encontrados sobre barrancos (9 a 33 m acima do rio, no período de estiagem), com disposição circular (diâmetro de 80 a 300 m) ou elipsoide (120 x 70 m a 550 x 210 m), com pacotes de até 90 cm de profundidade, que por vezes recobriam ocupações Massangana. O material lítico é restrito a lâminas de machado (picoteadas, polidas ou lascadas).

Os sítios pertencentes à fase Cupuí também foram encontrados sobre barrancos altos (15 a 26 m acima do nível do rio, durante o período de estiagem), com forma circular (diâmetro de 100 a 160 m) ou elipsoide (130 x 100 m a 320 x 130 m e, excepcionalmente, 820 x 260 m) e pacote arqueológico atingindo 50 cm de profundidade. O material lítico é composto por lâminas de machado (picoteadas, polidas ou lascadas) e percutores.

Por fim, os sítios da fase Jamari foram encontrados sobre barrancos (8 a 33 m acima da água), assim como na margem de lagos, nascentes, igapós (áreas de matas inundáveis) e igarapés com formato circular (170 m) ou elipsoide (190 x 120 m a 550 x 210 m). A indústria lítica comporta lâminas de machado polidas ou picoteadas, muitas delas mal acabadas, assim como almofarizes, moedores e mãos de pilão (MILLER et al., 1992).

A fase Jamari é mais complicada que as demais por possuir os

elementos mais destoantes da Tradição homônima. Todos esses elementos estão dentro de categorias decorativas, tais como a presença de decorações pintadas, incisas, excisas, acanaladas, ponteadas, serrunguladas, escovadas e modeladas (zoomórficas). As fotos apresentadas por Miller (et al., 1992, p. 55) mostram decorações incisas na face interna de flanges labiais e bordas reforçadas com pigmentos vermelho e branco, muito semelhantes às da Tradição Polícroma da Amazônia, identificada ao longo do alto rio Madeira (ALMEIDA e MORAES, 2016; ZUSE, 2016), e que não ocorrem nas demais fases apresentadas anteriormente. No entanto, ao olhar para a sequência seriada produzida por Miller (et al., 1992, p. 61) para essa fase, é possível notar que esses elementos dissonantes são irrisórios nos sítios da fase Jamari.

Dessa forma, a impressão gerada é a de que, em uma fase com muitos sítios (37), alguns apresentaram elementos exógenos, possivelmente resultantes de contatos com os povos da Tradição Polícroma (no baixo Jamari e no alto Madeira). Miller, que conhecia o material Polícromo de pesquisas anteriores (1980, 1987), em vez de relativizar os elementos dissonantes e separá-los durante a construção de suas tipologias, incorpora-os. Ou seja, se um dos 37 sítios dessa fase apresentou um único fragmento de borda policrômica, então esse fragmento formará um dos tipos que define a fase, mesmo que não se repita em nenhum dos outros sítios.

O material da Tradição Jamari possui poucos atributos em comum com os da Tradição Polícroma. Talvez a utilização de antiplástico de caraipé seja o maior traço de semelhança. A Tradição Polícroma possui uma cerâmica com espessura fina (< 1 cm), com presença de formas compostas ou complexas e recorrente uso de decorações plásticas (acanalados, incisos) e pintadas (em diferentes tons de vermelho, assim como preto e branco), ao passo que os fragmentos da Tradição Jamari são mais espessos (> 1 cm) e, conforme visto, possuem formas simples e com raras decorações, restritas ao ocasional uso de engobo vermelho sobre as peças.

Se retirados os elementos exógenos Jatuarana das fases do médio Jamari, resta apenas uma descrição muito homogênea do tamanho dos sítios, do pacote de terra preta e dos materiais lítico e cerâmico. As distinções entre as fases criadas por Miller (et al., 1992), então, são basicamente cronológicas. Assim, para um pesquisador que pretende estudar os sítios do médio ou baixo Jamari o mais recomendável é dar um passo para trás e considerar

que todo o material pertence apenas à Tradição Jamari, sem distinguir as fases. Essas, por possuírem uma variabilidade cronológica, apenas geram uma distinção que tem mais a complicar do que a esclarecer. Dessa forma, pelo menos no presente artigo, **o material cerâmico do médio Jamari será tratado apenas como pertencente à Tradição Jamari.**



Figura 1: Cerâmica da Tradição Polícroma encontrada em sítios Jamari e o “famoso” perfil com terra preta enterrada (fase Massangana) presente em todos os estudos arqueológicos na bacia do Madeira (fonte: MILLER et al., 1992).

Se as classificações cerâmicas e estratigráficas de Miller geraram alguma confusão, em outros assuntos a contribuição desse pesquisador é mais do que significativa. Tal é o caso da etnobotânica, utilizada por ele de forma pioneira. A relação que Miller (1992, 1999) traça entre os sítios com terra preta da região do médio Jamari e determinadas palmeiras (i.e. marajá, *Pyrenoglyphis marajá*, e urucurí, *Attalea excelsa* Mart.) permitiu que esses sítios fossem encontrados mesmo em áreas com baixo potencial informativo junto à população local. Segundo o autor, os marajás ocupariam a área central dos sítios, ou no lugar com maior densidade cerâmica, e os urucurís estariam,

em geral, dispersos pelos sítios, delimitando-os (1992). Nos estudos de campo, a relação urucurí-terra preta foi de extrema valia para a identificação de sítios junto a ribeirinhos tanto no rio Madeira (sítio Itapirema e Novo Engenho Velho) quanto nos levantamentos no médio Jamari. No baixo Jamari, contudo, não ocorreu essa correlação (ALMEIDA, 2013). Por fim, Miller também relaciona a presença do tucumã (*Astrocaryum tucuma*), da pupunha (*Guilielma gasipaes*) e do babaçu (*Orbygnia martiana*) a áreas de sítios arqueológicos.

Em síntese, nos trabalhos do rio Jamari, Miller parece ter identificado uma sequência de ocupação humana contínua que teria começado há mais de oito mil anos e que chegaria até os Arikém, que habitavam o médio Jamari à época da entrada de Rondon na região, no início do século XX, e que seguem instalados na região. Segundo o autor, a história de ocupação desse grupo no médio Jamari remeteria à fase Pacatuba (4000 a.C.), passando pela fase Massangana (2500 a.C.) e pela Tradição Jamari (500 a.C. – 1700 d.C.) (MILLER, 2009, p. 83).

É necessário apontar, entretanto, que Miller não apresenta os elementos que permaneceram entre cada uma dessas fases/tradições culturais, em especial entre as fases líticas e cerâmicas. Também não cita nenhum relato histórico que descreva a cerâmica Arikém. Além disso, falta uma maior quantidade de datas ainda mais recentes – a datação mais recente remete ao século XVII – uma vez que houve uma grande movimentação de grupos na época colonial, particularmente no ciclo da borracha, a partir de meados do século XIX. Por fim, é curioso o autor ter empurrado a cronologia até a ocupação Pacatuba e ter deixado a fase Itapipoca de fora, mais antiga e com descrição quase idêntica à da fase Pacatuba.

3 Sítio Jacarezinho

Os sítios Jacarezinho, Casarão e Barranco foram identificados durante uma etapa de levantamento assistemático realizado ao longo dos últimos 30 quilômetros do baixo Jamari, em fevereiro de 2009. A quantidade de material em superfície, a tonalidade da terra preta, a localização e a logística (a menos pior), foram os elementos que levaram à escolha do sítio Jacarezinho como sendo ideal a ser escavado. A escavação ocorreu entre junho e julho de 2009 (Figura 2).

O sítio Jacarezinho foi encontrado na margem do lago homônimo, um local discreto e atraente pela farta quantidade de peixes do lago, pela presença de um grande igarapé navegável (também homônimo) e pela proximidade dos rios Jamari e Madeira. O igarapé e o lago delimitavam grande parte do sítio (sudoeste, oeste, noroeste, norte e nordeste). Até pouco tempo, o único morador do local, o Sr. José da Silva, utilizava a área com terra preta para a plantação de diversos cultivos (e.g. mandioca, mamão). No entanto, ele abandonou a horta, que hoje é dividida em capoeira e mata secundária, e vive da pesca abundante do lago e de uma nada abundante aposentadoria.

Num primeiro momento, foi executada uma malha de sondagens de 20 x 20 m na área mais densa do sítio. No entanto, como a periferia do sítio se mostrou extensa, o número de pessoas trabalhando era reduzido e o custo logístico era muito elevado, assim, optou-se por aumentar o espaçamento do *grid* para 40 x 40 m na periferia do sítio. No setor leste, não foi finalizada a delimitação, uma vez que não havia autorização para entrar na fazenda onde se localizava esse setor⁴. A maior parte do restante do sítio foi delimitada topograficamente (água e/ou barranco). Portanto, não há uma estimativa precisa da área total do sítio, mas os dados projetam uma área mínima de 8,3 ha (83.000 m²) e máxima de 10 ha (100.000 m²).

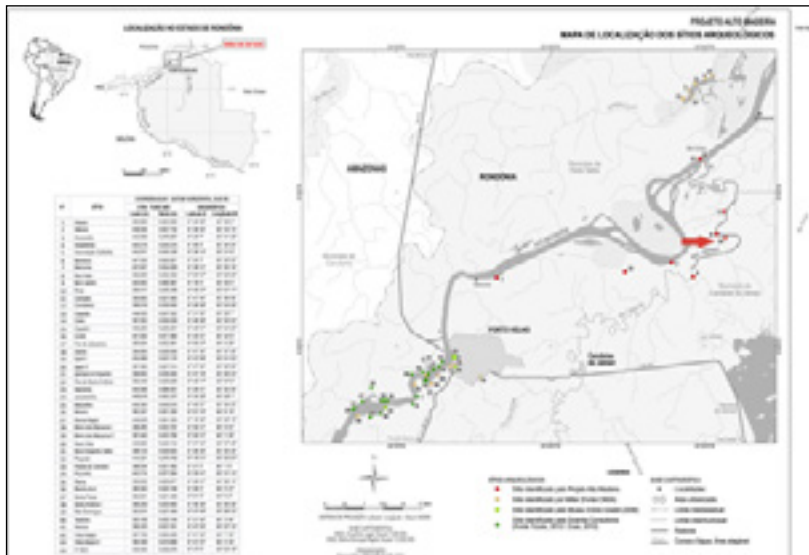


Figura 2: A seta mostra a localização do sítio Jacarezinho (Croqui: Marcos Brito).

Foram realizadas 88 sondagens, das quais apenas sete foram estéreis, obtendo-se um total de 3.282 fragmentos (Figura 3). Houve sondagens (e.g. N1000 E1000) que renderam mais de 200 fragmentos. Nas sondagens, observou-se um comportamento regular quanto à textura do sedimento, que nos primeiros níveis (até +- 40 cm) era areno-argiloso. Com o aprofundamento das sondagens, em geral escavadas até 1 m de profundidade, observou-se uma diminuição na granulometria do sedimento: predominantemente arenoso nos níveis superiores e argiloso nos inferiores. O sedimento da área com terra preta possuía coloração próxima a 5YR 2.5/2 *dark reddish brown* (escala Munsell) e, às vezes, 10YR 2/1 *black*. O sedimento da periferia do sítio possuía coloração próxima a 7.5YR 4/2 *brown*. O sedimento da área de terra preta em geral se encontrava muito mais solto do que nas áreas adjacentes a esta.

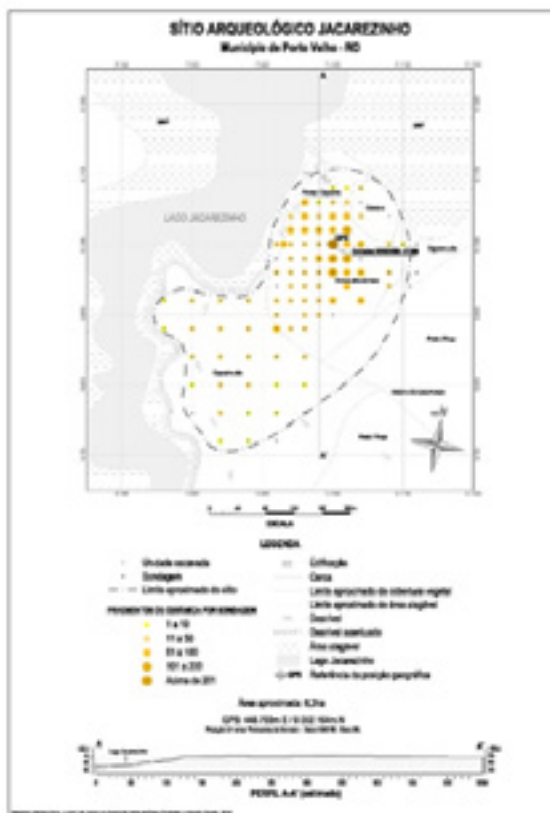


Figura 3: Mapa do sítio Jacarezinho (Croqui: Marcos Brito).

Com a abertura das sondagens, pôde-se observar uma coerência entre a quantidade de material e a coloração do sedimento, como também entre a quantidade do material e a espessura da terra preta. Curiosamente, o local com maior quantidade de fragmentos, onde havia a maior espessura de terra preta e em que foi executada a abertura da unidade 2 x 1 m, ocorreu no entorno ponto inicial do *grid* (N1000 E1000). A escavação da unidade (N996/N995 E1000, Figura 4) revelou um sedimento escuro 10YR 2/1 *black*, que atingiu cerca de 55 cm de profundidade e 3.000 fragmentos cerâmicos. Essa unidade apresentou um elevadíssimo número de raízes na camada de terra preta. As raízes deixaram o sedimento solto, dificultando a manutenção de cerâmicas no perfil arqueológico, e podem ser as responsáveis pela inversão de duas das datações (Tabela 3).

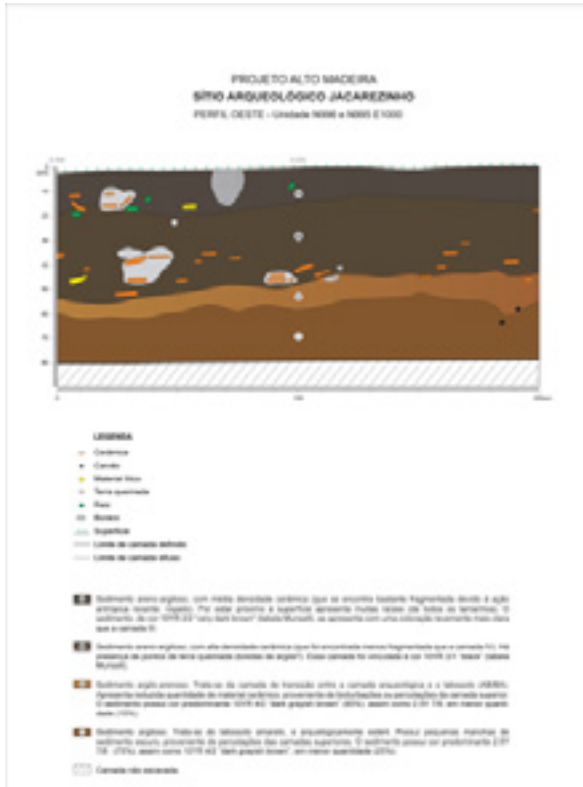


Figura 4: Perfil leste da unidade N996/N995 E1000 (Croqui: Eduardo Tamanaha).

Foram realizadas três datações por AMS para o sítio Jacarezinho, todas provenientes da unidade 2 x 1 m (N996/N995 E1000).

Tabela 3: Datações do sítio Jacarezinho.

Sítio	Nível	Amostra	Nº Beta	Forma de Datação	Material Datado	Idade Convencional	Calibragem 2 sigma
Jacarezinho	20-30cm	Ro - -Ja-304-01	280926	AMS	material orgânico na cerâmica	material orgânico na cerâmica	Cal AD 1270 to 1400 (Cal BP 680 to 550)
Jacarezinho	40 - 50 cm	Ro - -Ja-306-01	280927	AMS	material orgânico na cerâmica	860 +/- 40 BP	Cal AD 1040 to 1100 (Cal BP 910 to 850), Cal AD 1120 to 1260 (Cal BP 830 to 690)
Jacarezinho	30 - 40 cm	Ro - -Ja-205-01	280925	AMS	material orgânico na cerâmica	980 +/- 40 BP	Cal AD 990 to 1160 (Cal BP 960 to 790)

Ao observar a Tabela 3 e o perfil (Figura 4), é possível notar duas áreas distintas de concentração de material. A camada superior estaria entre 0 e 25 cm (camada IV, nas proximidades da camada III), e a camada inferior, entre 30 e 55 cm (camada III, nas proximidades da camada II). Feita essa observação, pode-se indicar que a datação mais recente (1300 d.C.) estaria na base da camada superior, e as duas outras datações pertenceriam à ocupação mais antiga, no nível inferior. Indicação que relativiza a inversão das datas mais antigas, ainda mais se utilizadas as datações calibradas: a primeira calibragem da datação Ro-Ja-306-01 é bastante próxima à calibragem da datação Ro-Ja-205-01. Ambas se encontram próximas a 1100 d.C.

Fica indicada a sugestão de que o sítio Jacarezinho possui (pelo menos) duas ocupações pré-coloniais. A primeira teria acontecido por volta de 1100 d.C., já a segunda, por volta de 1300 d.C. Resta saber a duração dessas ocupações – que a análise cerâmica indicará estarem relacionadas a um mesmo grupo (a seguir). A espessura da camada de terra preta, a densidade cerâmica observada e as condições propícias ao assentamento humano do lago do Jacarezinho apontam ocupações duradouras.

Se utilizadas as sondagens que delimitaram (quase todo) o sítio e a divisão de camadas de ocupação inferida a partir do perfil da unidade N996/N995 E1000 (Figura 3), é possível sugerir que há uma grande diferença entre a extensão do assentamento da primeira

para a segunda ocupação. Como as sondagens são feitas utilizando níveis artificiais de 20 cm, essa comparação foi feita entre os níveis 0-20 cm e 40-60 cm.

O nível 20-40 cm foi excluído por interceptar as duas camadas. No entanto, é possível que a exclusão desse nível gere uma pequena distorção quanto à ocupação mais antiga, uma vez que ambos (o nível 20-40 cm e a ocupação antiga) parecem estar (mais) relacionados.

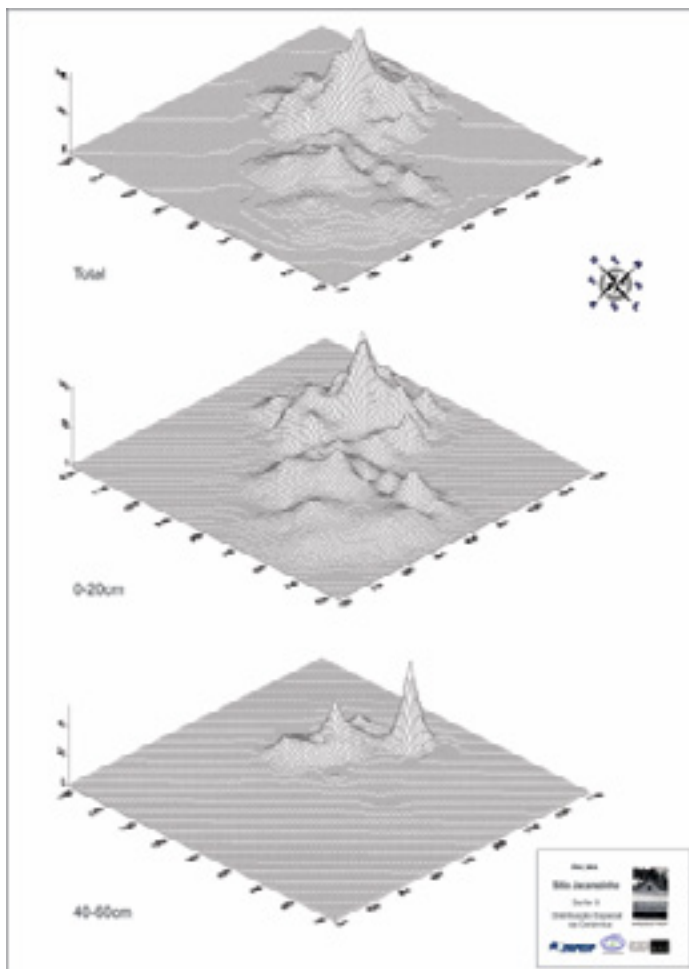


Figura 5: Mapa de densidade do sítio Jacarezinho (programa *Surfer*).

O resultado dos gráficos *Surfer* mostra que o assentamento mais antigo ocuparia uma área de entorno de 2 ha, e a ocupação mais recente toda a área do sítio, com mais de 8 ha (Figura 5). O dado permite duas interpretações, a serem testadas no futuro. A primeira é a de que o sítio Jacarezinho teria sido um acampamento temporário, provavelmente ligado a atividades de pesca e à preparação do terreno para a segunda ocupação, na forma de uma grande aldeia sedentária, espalhada pela margem do lago e do igarapé que leva ao lago. A segunda interpretação seria a de que o sítio foi um local de habitação permanente nas duas ocupações, e que nos 200 anos de intervalo houve um significativo aumento populacional do grupo em questão. Tal hipótese, entretanto, não possui respaldo estratigráfico visto que existe um claro intervalo entre as camadas.

4 O Sítio Jacarezinho e a tradição Jamari

A indústria lítica do sítio Jacarezinho foi extremamente reduzida, quase nula, possuindo baixo potencial para a análise comparativa intersítios. A exceção ficou por conta de uma lâmina fragmentada de machado polida, com matéria-prima de granito e marcas de encabamento.

Já a coleção cerâmica, obtida a partir das intervenções no sítio Jacarezinho, possuía 925 diagnósticos: fragmentos de paredes decoradas, bordas e bases. As exceções foram um único fragmento de carena, uma asa e duas peças arredondadas (recicladas) que podem ser contas ou rodas de fuso não finalizadas.

Foi possível observar a técnica de manufatura acordelada em 391 fragmentos (42%). O caraipé foi o antiplástico predominante, sendo encontrado em quase 90% da amostra analisada. Apesar de o material cerâmico desse sítio não possuir decorações ou formas elaboradas, os vasos não são de forma alguma “mal feitos”. Pelo contrário, a cerâmica do sítio Jacarezinho possuía as maiores frequências de fragmentos bem alisados em comparação com os demais sítios analisados pelo projeto (ALMEIDA, 2013). Cerca de 73% das faces internas e 84% das faces externas dos fragmentos possuía alisamento fino.

Houve baixa quantidade de fragmentos com tratamentos de superfície. A maior presença foi a de engobo marrom (barbotina) e

esfumarados, encontrados, respectivamente, em 15% e 5% das faces externas. Os engobos branco e vermelho foram quase ausentes na coleção.

Mais de 40% dos fragmentos diagnósticos do sítio Jacarezinho possuíam fuligem na face externa. Dado que aponta uma grande quantidade de vasos para a cocção de alimentos por parte dos antigos habitantes do sítio. A espessura dos fragmentos variou entre 0,45 e 3,5 cm, com média geral de 1,1 cm.

A reconstituição das bordas do sítio Jacarezinho gerou oito formas tipológicas (Figura 6). A característica geral é a falta de ângulos nas paredes. A predominância foi de vasilhas abertas semiesféricas ou em forma de calota. Foram reconstituídos cinco pratos (assadores?), a maior amostra dessa forma entre os sítios estudados.

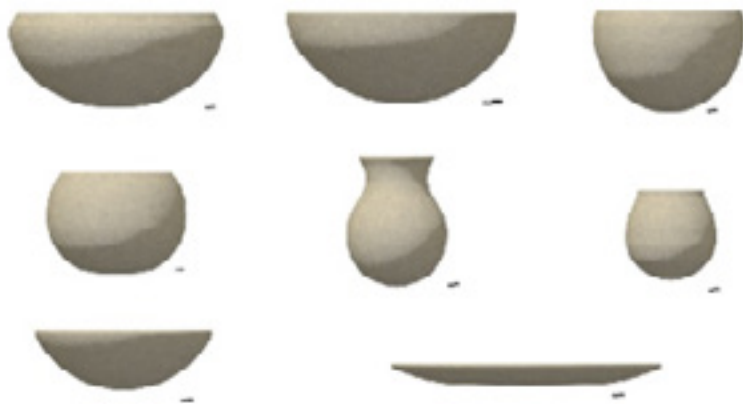


Figura 6: Formas cerâmicas do sítio Jacarezinho.

O sítio Jacarezinho foi o primeiro elo identificado entre os cinco sítios escavados pelo PALMA na bacia do alto Madeira e a Tradição Jamari, criada por Miller para sítios do médio curso do rio Jamari (ALMEIDA, 2013). Em um segundo momento, tal cerâmica também foi identificada no sítio Teotônio e em outros sítios encontrados no entorno das últimas cachoeiras do rio Madeira (vide ZUSE, 2014; KATER, ALMEIDA e ZUSE, *no prelo*).

Tanto o material cerâmico do sítio Jacarezinho quanto o da

Tradição Jamari possuem predominância de antiplástico de caraipé. As fotos apresentadas por Miller et al. (1992, p. 56-57) mostram que a cerâmica, apesar da ausência de decorações, é bem acabada, com fino alisamento. Mostram também uma pasta de cor ocre/amarelado, predominante na indústria do sítio Jacarezinho, e aparentam mostrar fragmentos espessos (entre 1,1-1,5 cm), como os do sítio Jacarezinho. Os banhos de barbotina são outros elementos presentes na cerâmica Jacarezinho, que podem ser encontrados ou nas descrições ou nas fotos da cerâmica da Tradição Jamari. Em ambos os casos, ao que parece, há predomínio de formas sem ângulos e constrictas (Figura 7). Miller (et al., 1992, p. 39-47) indica que alguns sítios da Tradição Jamari são lacustres, o que é congruente com os dados do sítio Jacarezinho, encontrados no lago homônimo.

Inserido na Tradição Jamari, o sítio Jacarezinho oferece importantes dados cronológicos para uma das maiores lacunas dessa tradição, situada no começo do segundo milênio da era cristã. No entanto, o início (550 a.C.) e o fim dessa cronologia (1720 d.C.) permanecem, *a priori*, inalterados (Tabela 4).

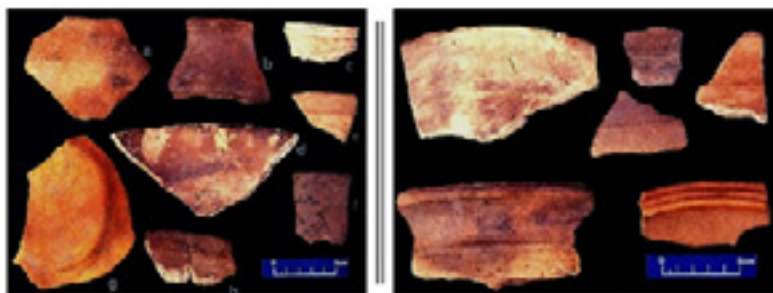


Figura 7: Fragmentos da Tradição Jamari com aspecto semelhante ao observado no sítio Jacarezinho (fonte: MILLER et al., 1992, p. 56).

Tabela 4: Cronologia do sítio Jacarezinho, dentro da Tradição Jamari (segundo MILLER et al., 1992).

Sítio/Fase	Datação (Idade Convencional)
Matapi	1720+-80 d.C.

Continua

Matapi	1530 d.C. (?)
Jamari	1480+-70 d.C.
Jacarezinho	1290+-40 d.C.
Jacarezinho	1090+-40 d.C.
Jacarezinho	970+-40 d.C.
Cupuí	600+-60 d.C.
Jamari	120+-70 a.C.
Jamari	180+-50 a.C.
Urucuri	330+-100 a.C.
Urucuri	460+-50 a.C.
Urucuri	550+-90 a.C.

Apesar de não expandir a cronologia da Tradição Jamari, o sítio Jacarezinho estende essa Tradição geograficamente do médio para o baixo Jamari, aproximando os contextos arqueológicos do Jamari e do Madeira onde, conforme visto, essa Tradição também passou a ser observada no registro arqueológico. Resta saber se essa Tradição também se encontrava rio acima, em direção ao alto Jamari.

Durante os trabalhos de campo do PALMA, ocorreram duas oportunidades de visita ao Museu Marechal Rondon de Ariquemes (RO) e foi possível visitar alguns sítios arqueológicos da região. A partir do contato com o material escavado percebeu-se que, apesar de essa cerâmica também ser “simples” (sem decorações ou formas angulosas), ela apresentava algumas diferenças em relação à cerâmica da Tradição Jamari. Diferenças que parecem ter se confirmado nos trabalhos arqueológicos realizados por Schwengber e Zimpel (2012) na região de Ariquemes.

A cerâmica identificada por esses autores possui uma pasta com uma quantidade muito grande de antiplástico mineral, ao passo que o material do sítio Jacarezinho e da Tradição Jamari era temperado com caraipé. Esse antiplástico mineral deu à cerâmica do alto-médio Jamari um aspecto grosseiro, mal alisado, o que deixou a pasta mais pesada. Conforme visto, o material da Tradição Jamari, incluindo o do sítio Jacarezinho, possuía uma superfície bem alisada, e o antiplástico vegetal lhe conferia certa leveza. A cor da cerâmica do alto-médio Jamari variava entre tons mais escuros marrom-avermelhados (o que pode ser decorrente do sedimento

avermelhado da região), e a cerâmica da Tradição Jamari era predominantemente clara, com tons ocre-amarelados. A espessura também parece ser distinta: o material do alto-médio Jamari possuía uma espessura fina (0,6-1 cm), ao passo que o material do sítio Jacarezinho era mais espesso (> 1 cm). Apesar de pouco frequentes, os banhos de engobo e, em especial, de barbotina, estão presentes na Tradição Jamari e no sítio Jacarezinho, mas não foram identificados na cerâmica do alto-médio Jamari (ALMEIDA, 2010, p. 29-35; MILLER et al., 1992, p. 32-65; SCHWENGBER e ZIMPEL, 2012, p. 69-131). Por fim, Schwengber e Zimpel (2012, p. 132) apresentam três datações radiocarbônicas (não calibradas) para os sítios do alto-médio Jamari: 1040+-10 d.C. (sítio Mato Grosso); 1290+-30 d.C. (sítio Jamari); 1490+-30 d.C. (sítio Rawel). Tais datas permitem estender espacialmente, rio acima a partir dos sítios da cachoeira de Samuel, as áreas do Jamari ocupadas na primeira metade do segundo milênio da era cristã.

Em síntese, partindo de uma análise preliminar, parece haver mais semelhanças entre os sítios do médio Jamari (Tradição Jamari) com o baixo curso desse rio (sítio Jacarezinho) do que rio acima, nas proximidades da cidade de Ariquemes. Ainda assim, em todos os casos observa-se uma cerâmica não decorada com formas simples. Os dados do alto-médio Jamari ainda são insuficientes para uma interpretação mais consistente quanto ao significado da variabilidade arqueológica. A impressão que se tem no momento é que as diferenças são variações de um mesmo agrupamento – uma nova fase ou (se preferir) um estilo distinto dentro da Tradição Jamari. O prosseguimento da discussão será feito, então, dentro desse terreno especulativo. Argumenta-se que a divisão espacial entre os dois agrupamentos arqueológicos, aqui inferida, é muito semelhante à divisão étnica observada nos primeiros relatos históricos da região.

5 Fragmentos da etno-história do rio Jamari

[...] conhecemos mal a história desses povos porque sabemos pouco a respeito deles. (VANDER VELDEN, 2014, p. 20)

Conforme visto, a arqueologia dos grupos indígenas do médio-baixo Jamari se estende do Holoceno inicial até o início do século XVIII. Em outros locais da Amazônia, como na bacia do baixo

Tocantins, observou-se que a cronologia arqueológica atingia o mesmo período, momento no qual já existem relatos históricos apontando a presença de grupos Tupi-Guarani na região. Ali, ainda que de maneira precária, foi possível observar uma continuidade entre os grupos do passado e do presente, e sugerir que muitos dos atuais grupos falantes de línguas Tupi-Guarani são descendentes dos produtores da cerâmica homônima, encontrada na região há mais de mil anos antes da chegada dos europeus (ALMEIDA e NEVES, 2015).

A colonização tardia – mas de maneira alguma menos perniciosa – dos afluentes do alto rio Madeira, na segunda metade do século XIX, gerou um intervalo de pelo menos 150 anos entre os registros arqueológicos e históricos, especialmente os produzidos pela comissão Rondon, no início do século XX (e.g. RONDON, 1948; ROQUETTE-PINTO 1975 [1919]; MAGALHÃES, 1916). Ainda que a lacuna cronológica seja clara e esteja longe de ser preenchida, nada impede que se caminhe até o limiar do conhecimento atual, utilizando-se de uma ampliação da escala, englobando outras áreas da bacia do alto Madeira.

Pode-se inferir, de partida, que os dados históricos existentes para a região são no mínimo coerentes com a hipotética ligação entre a Tradição Jamari e os grupos falantes de línguas Tupi-Arikém. Isso, porque a linguística (CREVELS e VAN DER VOORT, 2008), a arqueologia (ALMEIDA, 2013) e a historiografia (NIMUENDAJÚ, 1948; ROQUETTE-PINTO, 1975 [1919]; VANDER VELDEN, 2010) apontam que o alto Madeira possuía uma ocupação indígena multicultural e multilinguística na forma de um grande mosaico (Cf. RENFREW, 2000). Tal mosaico não foi estático, ao longo da milenar história de ocupação do alto Madeira. No entanto, muitos grupos acabaram em uma espécie de “panela de pressão”, tendo seus territórios constringidos pela expansão colonial e por outros grupos indígenas vizinhos, forçados ao deslocamento pela primeira (Cf. VANDER VELDEN, 2014). Este pode ser o caso dos grupos Tupi-Arikém do rio Jamari.

Os falantes de línguas Arikém seriam divididos em três sub-grupos: os Arikém propriamente ditos, os Kabixana e os Karitiana, dos quais apenas os últimos sobreviveram como coletivos indígena. Esses grupos também possuiriam subdivisões. Os agrupamentos Karitiana, por exemplo, teriam se espalhado no passado ao longo da extensa área localizada entre os rios Jacy-Paraná, Madeira e Jamari, e

hoje estão constrangidos a uma área próxima do centro desse antigo território, nas margens do rio Candeias, afluente do Jamari (VANDER VELDEN, 2014, p. 21).

Ao se olhar para o mapa elaborado por Roquette Pinto (1975 [1919], Figura 8), vê-se exatamente isso: a área entre esses três rios era uma área dos falantes de línguas Arikém no início do século XX. O mapa também aponta para a diferença entre as localizações dos Arikém e dos Karitiana⁵, estando estes ao norte daqueles: o rio Jaru como fronteira meridional, a cachoeira de Samuel como fronteira setentrional e com uma fronteira seca alguns quilômetros abaixo da atual cidade de Ariquemes, seguindo o rio Jamari como eixo.



Figura 8: Mapa etnográfico elaborado por Roquette-Pinto (1975 [1919]).

Segundo Vander Velden (2014, p. 26), os Karitiana mencionam que no “tempo de antigamente” eles viviam onde hoje se encontra a cidade de Ariquemes. O autor (VANDER VELDEN, 2014, p. 27) argumenta que uma progressiva movimentação, ao longo do século XX, dos grupos ali encontrados levou-os em direção ao vale do rio Candeias, onde se encontram hoje. Além disso, descreve relatos de que os Karitiana antigamente fabricavam cerâmica, a técnica ainda sendo dominada pelas oleiras mais velhas. Por fim, segundo o autor, para a região do rio Candeias: “Muitos fragmentos cerâmicos são encontrados em sítios que os Karitiana reconhecem como sendo suas antigas aldeias (todas aparentemente ocupadas durante a primeira metade do século XX)” (VANDER VELDEN, 2014, p. 41).

Se ampliado o foco para o alto Madeira, utilizando o Mapa Etno-histórico de Nimuendajú (1944), o que se vê é uma maciça entrada de grupos exógenos na região durante o período colonial. A bacia do rio Madeira não é apenas uma zona de dispersão, mas também uma zona residual, de assentamento de grupos alóctones (NICHOLS, 1992): o grande rio carrega e deposita. Do oeste, a partir do eixo dos rios Madre de Dios e Beni (na Bolívia), viria uma onda de grupos de língua Pano, enquanto uma série de grupos Mura (de língua isolada⁶) e Kawahiva (de língua Tupi-Guarani) viriam no caminho oposto, subindo o Madeira em direção às cachoeiras (HUGO, 1959, p. 46; MENÉNDEZ, 1981/82; NIMUENDAJÚ, 1948). Os grupos de língua Txapakura (e.g. os Torá) viriam do Guaporé, em um sentido sudoeste-nordeste para a região de interflúvio ao sul da calha do alto Madeira (VILAÇA, 2010). Os migrantes Kawahiva ocupariam as vizinhanças orientais (ao longo do rio Ji-Paraná) e meridionais (no alto Jamari) dos Arikém, assumindo um papel de antagonismo aos últimos: seus mais temíveis inimigos indígenas junto com os ainda tradicionais adversários, os Karipuna, na fronteira ocidental (LEONEL, 1995; VANDER VELDEN, 2014). Além dos Kawahiva, é possível observar no mapa etno-histórico de Nimuendajú (1944) a presença de grupos de línguas Ramarama (Tronco Tupi) na porção ocidental. Da mesma forma, ainda que mais distantes, pode-se observar a presença de grupos de línguas Tupi-Mondé para o sudeste, em direção ao alto Ji-Paraná. O contato antigo com Suruí, um dos grupos mais setentrionais dentre os Tupi-Mondé, é relatado pelos Karitiana (VANDER VELDEN, 2014, p. 38).

Na verdade, há certa confusão quanto à data de entrada desses grupos na região (colonial ou pré-colonial) e quanto à extensão dos

movimentos empreendidos. Confusão potencializada pelo fato de que grupos de línguas diferentes receberam o mesmo etnônimo. Por exemplo, os grupos Karipuna foram considerados por Métraux (1948, p. 449), Nimuendajú (1944) e Hugo (1959) índios de língua Pano, que habitariam a região das cachoeiras do rio Madeira, ali tendo sido contatados por Keller (1874, p. 48). Entretanto, a mesma referência (KELLER, 1874) é hoje utilizada pelo Instituto Socioambiental (ISA) para designar um grupo também denominado de Karipuna, mas de língua Tupi-Guarani. Por fim, o etnônimo também foi regionalmente utilizado por Spix (1938 apud. MENÉNDEZ, 1984/85, p. 275) para designar um subgrupo Mawé⁷.

Também não se pode ignorar a forte pressão realizada pela frente colonial a partir de meados do século XIX. Nessa época ocorre o início da construção da ferrovia Madeira-Mamoré (FERREIRA, 2005), gerando um eixo de pressão vindo do Norte sobre os Arikém (VANDER VELDEN, 2010). Na mesma época, o Jamari sente uma difusão de seringais pelas suas margens e tributários. Um mero olhar para o nome desses tributários demonstra um quase massacre sofrido pelos escassos topônimos indígenas, como os do Igarapé Jatuarana e do próprio Jamari, frente a uma profusão de nomes portugueses – e.g. rio preto, verde, branco, candeias – e até de origem africana, como é o caso do igarapé Massangana, imortalizado por Miller na famosa fase homônima. Tamanho foi o fluxo de borracha pelo rio Jamari, que uma vala foi aberta – a chamada vala dos ingleses – encurtando o caminho entre o baixo curso desse rio (e o Candeias) e o rio Madeira (ALMEIDA, 2013). Nesse contexto, fica clara a pressão recente sobre os Arikém, vinda da frente oriental, empurrando-os para o oeste.

6 Conclusão

Os dados arqueológicos mostraram uma longa história de ocupação da bacia do rio Jamari, que chega a 8 mil anos antes do presente. Ainda que não esteja clara a continuidade partindo das diversas fases líticas até a Tradição Jamari, pode-se argumentar que existe uma quantidade razoável de datas que permitem inferir que essa Tradição foi produzida por mais de dois mil anos por ocupantes do médio curso do rio.

Os dados apresentados sobre o sítio Jacarezinho reforçam essa cronologia e expandem essa Tradição para o baixo curso desse rio, deixando para outro momento (KATER, ALMEIDA e ZUSE, *in prelo*) a discussão da presença de vestígios dessa Tradição em sítios do alto rio Madeira. Contribuem também para a compreensão do processo de reocupação desses sítios localizados em áreas lacustres. Foi possível observar de maneira preliminar, em sítios datados da primeira metade do segundo milênio da era cristã, que essa Tradição parece se estender para o médio/alto curso desse rio.

Até o momento, o gradativo aumento de dados nos diferentes campos analíticos se mostra coerente com a hipotética relação entre os falantes de línguas Arikém e os produtores de cerâmica da Tradição Jamari. Se essa relação de fato for confirmada, será consolidada – quanto ao estilo tecnológico e à cronologia – a primeira Tradição de um grupo do Tronco Tupi, que não seja o Tupi-Guarani (Tradição Tupi-Guarani). Ademais, a diferença gritante entre essas Tradições possuiria grande significância na compreensão de uma grande arqueologia Tupi, talvez indicando que esses grupos (de línguas Tupi-Guarani e Arikém) tenham se separado antes do início da produção dos utensílios cerâmicos, ou há tanto tempo que praticamente não existiriam traços estilísticos comuns entre esses agrupamentos arqueológicos.

É certo que a continuação das pesquisas arqueológicas na região – especialmente com a reanálise do material dos sítios escavados durante a construção da UHE Samuel pelos pesquisadores do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia – é vital para o avanço em questões como as abordadas neste artigo. Entretanto, é necessário apontar que as datações arqueológicas, como as radiocarbônicas, possuem alcance limitado e se tornam difíceis de interpretar em datas mais próximas do presente, a partir de meados do século XIX. Considerando tal problema, talvez a melhor alternativa para o prosseguimento das pesquisas seja uma que envolvesse uma arqueologia colaborativa (e.g. SILVA e NOELLI, 2015) com os Karitiana, revisitando as antigas aldeias e coletando o material para ser comparado com o material da Tradição Jamari. Uma oportunidade de abertura de espaço aos próprios coletivos indígenas para revisitarem sua história.

Em um segundo momento, caso os novos estudos continuem a cristalizar a relação Arikém/Tradição Jamari, um possível exercício

pode ser perguntar se a variação estilística sugerida entre a Tradição Jamari no entorno da cachoeira de Samuel e a encontrada rio acima da atual cidade de Ariquemes, possui de fato um correlato com a antiga fronteira de diferentes grupos falantes de línguas Arikém: entre os Arikém propriamente ditos, para o sul, e os Karitiana, para o norte (cf. Roquette-Pinto (1975 [1919], Figura 8).

Por fim, é importante apontar, dentro do contexto da arqueologia amazônica e das suas grandiosas discussões, a importância de estudos em áreas mais restritas, com Tradições regionais. Ainda que não acreditem mais na divisão simplista entre várzea e terra firme utilizada pelos arqueólogos clássicos (e.g. LATHRAP, 1970; MEGGERS, 1987), muitos arqueólogos seguem intuitivamente utilizando essa separação: ela de fato facilita a nossa vida. A arqueologia de drenagens secundárias, como é o caso do rio Jamari, pode ajudar a quebrar essa dicotomia, além de, claro, oferecer subsídios importantes para a construção das histórias dos coletivos indígenas⁸.

Notas

- 1 Além dos Tupi-Guarani e Arikém pode-se citar as seguintes famílias do tronco linguístico Tupi: Aweti, Juruna, Mawé, Mondé, Munduruku, Puruborá, Ramarama e Tupari.
- 2 O Rio Ji-Paraná, ou Machado, que também compreende a parte média-alta do rio Madeira, nasce na Serra dos Parecis, mas também é alimentado pelo complexo fluvial dos Pacaás-Novos.
- 3 Usina Hidrelétrica.
- 4 Os caminhamentos de superfície e os dados das sondagens próximas, entretanto, apontam que o sítio não se expandia muito por esse setor.
- 5 Os Kabixana não aparecem no mapa.
- 6 Segundo Amoroso (1994, p. 11), ocorreu durante o período colonial uma delimitação exagerada do tamanho do território e da quantidade de ataques praticados pelos “Mura”, assim como o próprio etnônimo, que abrange de forma inadequada povos não Mura (uma “murificação”).
- 7 Porro confirma que se trata de uma denominação comum a diversas nações: “em 1639 havia Caripuná na margem direita do baixo Solimões (abaixo do Purus e acima de Manacapuru). (...) Em 1714 são mencionados Cauaripuna na margem esquerda do Madeira, acima da 6ª cachoeira (Rodrigues). O termo Caripuna também designa os europeus” (2007, p. 31-32).
- 8 *Agradecimentos*: Os trabalhos nos rios Madeira e Jamari fizeram parte da minha pesquisa de doutorado, subsidiada com recursos da CAPES e da FAPESP. Muitos colegas do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (ARQUEOTROP, MAE-USP), coordenado pelo Professor Eduardo Góes Neves, meu orientador, participaram dessa pesquisa. Agradeço em especial a Thiago Trindade que compartilhou 35

dias de escavação no sítio Jacarezinho, o campo mais difícil de todos, assim como às colegas Acrianas: Antônia Damasceno, Allana Rodrigues e Alessandra Dantas. Agradeço também a Felipe Vander Velden, um importante interlocutor na busca da quebra entre as fronteiras arqueológicas e etnológicas na região, a Carlos Zimpel, que gentilmente compartilhou os dados dos trabalhos arqueológicos no médio-alto Jamari, e a todos os demais colegas da UNIR, companheiros na arqueologia da região. Por fim, agradeço à Jaqueline Carou a revisão deste artigo.

Referências

ALMEIDA, Fernando O. **Ocupações Pré-Históricas na Bacia do Alto Madeira**. Relatório de Qualificação – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Fernando O. **A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ALMEIDA, Fernando O. Arqueologia dos Tupi-Guarani no Baixo Amazonas. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; JAIMES BETANCOURT, Carla (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 1, 2016. p. 171-182.

ALMEIDA, Fernando O.; MORAES, Claide P. A Cerâmica Polícroma do Rio Madeira. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; JAIMES BETANCOURT, Carla (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 1, 2016. p. 402-413.

ALMEIDA, Fernando O.; NEVES, Eduardo G. Evidências Arqueológicas para a Origem dos Tupi-Guarani no Leste da Amazônia. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 499-525, 2015.

AMOROSO, Marta R. Documentos de Henrique João Wilkens: introdução. In: AMOROSO, M. R.; FARAGE, N. (Org.). **Relatos da Fronteira Amazônica no século XVIII**: Alexandre Rodrigues Ferreira / Henrique João Wilkes. São Paulo: NHIII/USP-FAPESP, 1994.

CREVELS, Mily; VAN DER VOORT, Hein. The Guaporé-Mamoré as a Linguistic Area. In: MUYSKEN, P. (Ed.). **From Linguistic Areas do Areal Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Public Company, 2008. p. 151-180.

FERREIRA, M.R. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

HUGO, Victor. **Desbravadores**: a história eclesiástica, no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia. São Paulo: Edição da “Missão Salesiana de Humaitá”, 1959.

KATER, Thiago; ALMEIDA, Fernando O.; ZUSE, Silvana. A variabilidade das ocupações ceramistas no sítio Teotônio (Alto rio Madeira). In: SEMANA DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA, 4., São Paulo. **Anais...** São Paulo, Universidade de São Paulo. No prelo.

KELLER, Franz. **The Amazon and Madeira Rivers**: Sketches and Descriptions from the Note-Book of an Explorer. London: Chapman and Hall, 1874.

LATHRAP, Donald W. **The Upper Amazon**. London: Thames & Hudson, 1970.

LEONEL, Mauro. **Etnodicéia Uruéu-Au-Au**. São Paulo: Edusp-Iamá, 1995

MAGALHÃES, Amílcar B. B. **Relatório apresentado ao Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Comissão Brasileira / pelo capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães**. Rio de Janeiro: [s.n.]. 1916.

MENÉNDEZ, Miguel. Uma Contribuição para a Etno-História da Área Tapajós-Madeira. **Revista do Museu Paulista**, v. 28, p. 289-388, 1981/1982.

MENÉNDEZ, Miguel. Contribuição ao Estudo das Relações Tribais na Área Tapajós-Madeira. **Revista de Antropologia**, v. 27/28, p. 271-286, 1984/85.

MEGGERS, Betty J. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.

MÉTRAUX, Alfred. Tribes of Eastern Bolivia and the Madeira Headwaters. In: STEWARD, J. (Ed.). **Handbook of South American Indians (3)**. Washington: Government Printing Office, 1948. p. 381-454.

MILLER, Eurico T. **Pesquisas Arqueológicas no Território Federal de Rondônia**: Relatório Preliminar. 1980.

MILLER, Eurico T. **Inventário Arqueológico da Bacia e Sub-Bacias do Rio Madeira, 1974-1987**. CNEC, 1987.

MILLER, Eurico T. Adaptação Agrícola Pré-Histórica no Alto Rio Madeira. In: MEGGERS, B. J. (Ed.). **Prehistoria Sudamericana**: nuevas perspectivas. Washington: Taraxacum, 1992.

MILLER, Eurico T. A Limitação Ambiental como Barreira à Transposição do Período Formativo no Brasil. Tecnologia, Produção de Alimentos e Formação de Aldeias no Sudeste da Amazônia. In: LEDERBERGERBERBER-CRESPO, P. (Ed.). **Formativo Sudamericano, una revelacion**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1999.

MILLER, Eurico T. A Cultura Cerâmica do Tronco Tupi no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 1, n. 1, p. 35-136, 2009.

MILLER, Eurico T. et al. **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte**. Eletronorte: Brasília, 1992.

MONGELÓ, Guilherme Z. **O Formativo e os Modos de Produção: ocupações pré-ceramistas no Alto Rio Madeira-RO**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NEVES, Eduardo G. **Cronologias Regionais, Hiatos e Continuidades na História Pré-Colonial da Amazônia**. São Paulo, Projeto Temático FAPESP, 2005.

NEVES, Eduardo G. An erratic (but lively) Heart in the Chest: revisiting the cardiac model in the Central Amazon. In: HILL, J.; HORNBORG, A. (Org.). Paper presented at the session “**Long-term Patterns of Ethnogenesis in Indigenous Amazonia**”, American Anthropological Association Annual Meetings, Nov. 28th – Dec. 1st 2007, Washington DC, 2007.

NEVES, Eduardo G. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History, and Political Change in Amazonian Floodplain. In: SILVERNAN, H.; ISBELL, W. H. (Ed.). **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008. p. 359-378.

NEVES, Eduardo G. **Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)**. (Tese de Livre-Docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NICHOLS, Johanna. **Linguistic Diversity in Time and Space**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa Etno-Histórico**. Brasil: IBGE, 1944.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Cawahib, Parintintin and their Neighbors. In: STEWARD, J. (Ed.). **Handbook of South American Indians (3)**. Washington: Government Printing Office, 1948. p. 283-297.

PORRO, Antônio. **Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo: Cadernos do IEB/USP, 2007.

RENFREW, Colin. At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 10, n. 1, p. 7-34, 2000.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana S. A. C. “Tupían”. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Ed.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 1-80.

ROSDON, Cândido M. S. **Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil**. Tomo 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. [1919].

SCHWENGBER, Valdir L.; ZIMPEL, Carlos A. **Salvamento e Monitoramento Arqueológico na Área de Implantação da PCH-Jamari, Município de Ariquemes-RO**. Relatório IPHAN. Tubarão/SC, 2012.

SILVA, Fabiola A.; NOELLI, Francisco. Mobility and Territorial Occupation of the Asurini Do Xingu, Pará, Brazil: an Archaeology of the Recent Past in the Amazon. **Latin American Antiquity**, v. 26, p. 493-511, 2015.

VANDER VELDEN, Felipe. De Volta ao Passado: territorialização e “contraterritorialização” na história Karitiana. **Sociedade e Cultura**, v. 13, n. 1, p. 55-65, 2010.

VANDER VELDEN, Felipe. Entre o Ji-Paraná e o Amazonas: notas (e hipóteses) sobre o tempo antigamente dos Karitiana. In: COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da; FRANCO NETO, João Veridiano (Org.). **Multiverso indígena: abordagens transdisciplinares**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2014. p. 19-52.

VILAÇA, Aparecida. **Strange Enemies: indigenous agency and scenes of encounters in Amazonia**. Durham/London: Duke University Press, 2010.

ZUSE, Silvana. **Variabilidade Cerâmica e Diversidade Cultural no Alto Madeira**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZUSE, Silvana. Variabilidade Cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; JAIMES BETANCOURT, Carla (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, v. 1, 2016. p. 385-401.